

TÃO LONGE, TÃO PERTO

Treinando o olhar etnográfico nos limites de casa durante a pandemia e o ensino remoto



Faraway, So Close: training the ethnography sight within the
frontiers of home during the pandemic and online classes

Lucía Eilbaum

Universidade Federal Fluminense

Departamento de Antropologia | Niterói, Brasil

luciaeilbaum@id.uff.br | ORCID iD: 0000-0001-8948-0108

Anabelly Ribeiro Carneiro

Universidade Federal Fluminense

Curso de Ciências Sociais | Niterói, Brasil

anabellyrc@id.uff.br | ORCID iD: 0000-0002-8364-5538

Bruna Daflon Goulart Costa

Universidade Federal Fluminense

Curso de Ciências Sociais | Niterói, Brasil

brunadaflon@id.uff.br | ORCID iD: 0000-0002-6024-9989

Bruna da Silva Bernardo

Universidade Federal Fluminense

Curso de Ciências Sociais | Niterói, Brasil

brunabernardo@id.uff.br | ORCID iD: 0000-0001-5344-5853

Maria Vitória Chiconelli Nobre

Universidade Federal Fluminense

Curso de Ciências Sociais | Niterói, Brasil

mariavitorianobre@id.uff.br | ORCID iD: 0000-0003-0724-2224



Resumo

A partir da realização de exercícios de iniciação etnográfica, realizados por estudantes do primeiro período do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense, descrevemos e refletimos sobre as possibilidades e limitações do fazer etnográfico em tempos de pandemia e ensino remoto. Especificamente, discutimos as oportunidades de treinar a observação participante através do exercício de estranhamento do familiar, tanto no sentido do mundo cotidiano quanto, literalmente, das relações com a própria família. Acreditamos que a pandemia impôs um cenário que aguçou as capacidades de refletir sobre nossos universos próximos, porém em um contexto inédito. Por fim, trazemos uma experiência de escrita coletiva entre docente e estudantes no âmbito do ensino de Antropologia.

Palavras-chave

etnografia; familiar; iniciação; pandemia.

Abstract

This article is based on exercises of ethnographic initiation carried on by students during the first semester of the Social Sciences BA at Universidade Federal Fluminense. We described and reflected upon the possibilities for ethnography and its limitations during the pandemic period and the online classes period. Specifically, we discuss the opportunities of training participant observation through the exercise of exotization of the familiar world, in a quotidian sense and in a literal sense about the relations with and within their own families. We believe that the pandemic imposed a scene that has intensified our capacities of reflection on our own closed universes but also in a unique context. Finally, we reflected on the collective writing experience in the field of teaching and learning Anthropology.

Keywords

ethnography; familiar; initiation; pandemic.

Introdução

Este é um relato escrito a muitas mãos. A introdução é uma costura realizada pela docente, a partir de sua experiência como professora de Antropologia na Universidade Federal Fluminense. As outras mãos são o embrião do presente artigo, ao terem escrito seus trabalhos finais de disciplina. Elas assumem protagonismo no coração do texto e nas considerações finais coletivas. Nesse texto todas somos, ao mesmo tempo, autoras e interlocutoras das reflexões etnográficas suscitadas. Antropólogas sempre em formação, aprendendo, ensinando e produzindo o exercício de estranhamento do familiar e de familiarização do estranho (DaMatta 1978). Esse exercício é o fio condutor desse artigo, entendido como peça fundamental da perspectiva antropológica. Assim, uma das questões centrais que buscaremos discutir são as possibilidades e potencialidades do estranhamento da ordem doméstica e familiar, inclusive íntima, na qual ficamos confinados pela pandemia da Covid-19.

No campo da Antropologia, alguns/mas autores/as - pesquisadores/as e professores/as - tem publicado e organizado reflexões em torno às experiências de ensino durante a pandemia. Em 2020, Ana Lúcia Schritzmeyer apresentou sua vivência e reflexão sobre as incertezas e angústias iniciais na adoção do ensino remoto. Na mesma coletânea, Amurabi Oliveira (2020) provocou a discussão sobre como essa modalidade de ensino, ao mesmo tempo que se tornou uma “saída” para a continuidade das atividades pedagógicas, evidenciou e aprofundou as “desigualdades educacionais” já existentes em termos de acesso e permanência em diferentes níveis da educação. Em 2022, no Dossiê “Teoria, história e ensino da antropologia”, organizado por Amurabi Oliveira e Guillermo Vega Sanabria na revista *Antropolítica* (2022), dois dos artigos apresentam experiências singulares de ensino durante a pandemia. O artigo de Luiz Alberto Couceiro e Rodrigo Rosistolato (2022) trabalha a partir das estratégias didático-pedagógicas desenvolvidas pelos autores enquanto docentes de duas universidades federais brasileiras, destacando o envolvimento dos/as discentes no ambiente on-line e com os objetos analisados como garantia para a apreensão do conhecimento etnográfico. Já o trabalho de Carla Muzanzu e Myriam Barboza (2022) traz uma reflexão sobre as vivências

políticas, afetivas e espirituais experienciadas pelas autoras na sala de aula durante a pandemia, a partir de noção de “escrevivência” cunhada por Conceição Evaristo e de uma perspectiva antirracista. Em diálogo bem próximo com o presente artigo, em 2022, Ana Lúcia Schritzmeyer publicou os resultados e reflexões a partir dos trabalhos de disciplina de uma turma do curso de Ciências Sociais da USP sobre as vivências por eles experimentadas nos primeiros meses da pandemia em relação aos espaços de confinamento, aos arranjos familiares e às emoções suscitadas nesse período (Schritzmeyer 2022). Incorporando as reflexões e perspectiva dos pesquisadores em formação, ainda em 2020, foi publicada a coletânea “Etnografando na pandemia”, organizada por Guillermo Vega Sanabria, Paride Bollettin e Fátima Tavares (2020). A mesma reúne as reflexões de estudantes de pós-graduação sobre os impactos da pandemia nas pesquisas em desenvolvimento, evidenciando a necessidade de explorar “experiências alternativas” no fazer etnográfico (2020:10).

O presente artigo nasceu da experiência coletiva e comum das autoras durante o segundo semestre de 2020 de acordo com o calendário acadêmico, e entre fevereiro e maio de 2021, segundo o calendário social¹. Ao longo do período passamos pelos meses mais letais da pandemia no país. Em maio daquele ano o Brasil alcançou a marca de 462.791 mortes decorrentes do vírus e da sua gestão oficial². A vacina tinha sido descoberta, mas ainda não circulava no país. Estávamos no segundo semestre consecutivo de ensino remoto. A matéria que nos reunia era Antropologia 1, para ingressantes no bacharelado de Ciências

¹ A dissonância entre os calendários (tanto nas datas quanto no fato do semestre ter três meses e não seis) respondeu à Decisão CEPEX/UFF nº109/2020 que, em função da pandemia Covid 19, suspendeu os calendários Escolar e Administrativo. Em 17 de julho de 2020, aprovou a reorganização de ambos para todo o ano letivo de 2020 ([Decisão CEPEX nº 111/2020](#)), sendo o primeiro semestre letivo entre 14 de setembro a 15 de dezembro de 2020 e o segundo semestre entre 01 de fevereiro e 12 de maio de 2021. Ainda foi estabelecido o regime de ensino remoto, durante o período de pandemia do COVID-19 (art. 2).

² Costa, Anna Gabriela; Rosa, André. Terceiro mês mais letal da pandemia no Brasil, maio tem 59.010 mortes por Covid, CNN Brasil, 31/05/2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/terceiro-mes-mais-letal-da-pandemia-no-brasil-maio-tem-59010-mortes-por-covid/>. Acesso em: dia, mês e ano: 19 de março de 2022.

Sociais³. Uma turma com 50 pessoas inscritas e em torno de 40 participantes nos encontros chamados “síncronos”.

Essas sessões aconteceram invariavelmente durante todo o semestre nas terças feiras à tarde. Era nosso espaço de encontro, de apresentação de textos e dúvidas, de conversas e trocas. Desde o início a turma se mostrou bem participativa. Progressivamente os temas trabalhados foram tomando corpo na proposta de entender a Antropologia, não apenas como uma ciência, mas como uma forma de olhar o mundo.

Durante o curso, enfatizamos a noção de etnocentrismo (Rocha 1988; Miner 1956; Kopenawa 1999) e as ferramentas que a Antropologia oferece para a produção e constituição de visões do mundo relativizadoras e compreensivas sobre a diversidade e diferença, inclusive aquelas presentes em sala de aula (Adichie 2009; Abu-Lughod 2012; Collins 2016). Em um segundo momento, introduzimos a discussão de questões metodológicas. Há vários anos que, nas disciplinas que leciono, decidi enfatizar as abordagens metodológicas e etnográficas dos temas estudados. O “fazer etnográfico” torna-se um elemento central da reflexão e as estratégias, obstáculos e desafios são discutidos como parte constitutiva, não apenas das pesquisas, mas das teorias apresentadas (Peirano 1995).

Nessa esteira tenho persistido na proposta para realizar breves exercícios de observação etnográfica. Idas coletivas ao Fórum de Justiça, acompanhamento de mobilizações públicas, observações na praça de São Domingos em Niterói, e no próprio campus universitário, fizeram parte desses exercícios em outros semestres com o objetivo de treinar a observação participante (Whyte 1990). Se no Fórum o desafio foi (se) familiarizar com o estranho, na maioria das outras experiências o exercício requereu o esforço de estranhar o familiar. O campus e a praça, localizada em frente ao mesmo, eram espaços que os estudantes frequentavam diariamente. Eram lugares familiares, porém não conhecidos (Velho 1978), já que, como eles afirmavam, “nunca tinham parado para olhar”.

³ Além da professora responsável pela disciplina, a equipe docente esteve integrada pelos estagiários Carlos Eduardo Viana e Juliana Coelho de Almeida, ambos doutorandos do PPGA/UFF, e pelo bolsista de Apoio às Atividades Não Presenciais (ANP) da UFF e mestrando do PPGA/UFF Ivan Carrasco.

Não era essa a situação da turma do segundo semestre de 2020. Essa turma, assim com a anterior e como as que ingressaram em 2021, nunca tinham ido ao campus. Iniciaram suas graduações durante a pandemia e conseqüentemente na modalidade de ensino remoto. As casas e eventualmente locais de trabalho se tornaram o espaço de estudo (Schritzmeyer 2020; 2022). Nesse contexto, o desafio para treinar a observação etnográfica se configurou em uma outra proposta. São os resultados dessa alternativa que compartilhamos nesse artigo.

A construção da proposta

Como exercitar um primeiro trabalho de campo sem a viagem preconizada nos textos clássicos? Sem o deslocamento cultural? Como nos iniciar na observação etnográfica confinados em casa? Como treinar o “olhar, ouvir e escrever” (Oliveira 1996) nos limites físicos e culturais de casa? Como exercitar o ouvir com pessoas tão próximas? Como construir interlocutores dentro de casa?

A proposta foi se delineando aos poucos. Para sua construção, foi essencial refletir sobre os desafios da observação do familiar (Velho 1978). Estávamos cientes de que deveríamos propor/fazer um trabalho que envolvesse a observação de ambientes, pessoas, objetos, situações, relações e interações, próximas. Naquele momento era uma prioridade não expor ninguém aos riscos do contágio do vírus que circulava com uma potência de 62 mil novas infecções por dia⁴. Não caberia, na visão da equipe docente, pedir nenhum deslocamento que exigisse à turma sair de casa. Também não seria possível produzir uma observação coletiva, juntando a turma toda em um mesmo local ao mesmo tempo.

No campo da Antropologia, as medidas de distanciamento físico e isolamento social decorrentes da pandemia suscitaram forte preocupação sobre como poderia ser desenvolvido o trabalho de campo de cunho etnográfico. Entendendo que o mesmo envolve o contato direto, pessoal e prolongado, a construção de relações de confiança, a inserção do/a etnógrafo/a no meio social dos/as interlocutores/as, e o aguçamento dos diversos sentidos da percepção humana, as

⁴ Boletim Extraordinário, Observatório da COVID 19, FIOCRUZ, 25 de maio de 2021. Acesso em: 20 de março de 2022.

medidas de proteção contra o vírus pareciam ameaçar a própria existência das pesquisas na área, ou pelo menos aquelas realizadas nesses moldes.

Com essa preocupação, várias linhas de possibilidades foram debatidas no meio antropológico⁵. Uma delas foram as potencialidades para a chamada Etnografia em ambientes digitais (Gomes e Leitão 2017), no cyberspaço (Segata 2008) ou *on e off line* (Miller e Slater 2004; Parreiras 2011). Embora não fosse nova, a pandemia tinha nos jogado de corpo inteiro nas relações via remota, pelas redes sociais, jogos, diversos aplicativos e outras mediações tecnológicas⁶. Apresentava-se não apenas como ferramenta de pesquisa, ou campo etnográfico, mas também se impunha como uma realidade à qual a maioria ficou submetida, ainda que sob formas diversas e desiguais.

Outro debate girou em torno à chamada etnografia de documentos. Também não como uma abordagem nova, mas como um campo de possibilidades colocado a partir da análise de materiais escritos, imagéticos e documentais, que não suporiam necessariamente o contato presencial entre pessoas. Nesse sentido, quando “encarados em seus contextos de produção, circulação e arquivamento, [os documentos] constituem artefatos etnográficos especialmente rentáveis em certos contextos de pesquisa” (Ferreira e Lowenkron 2020:19), e ainda mais em contexto pandêmico.

Foi nesse contexto de debates no campo da antropologia que, de forma muito mais modesta, elaboramos a proposta de um exercício etnográfico que não abrisse mão da observação direta e

⁵ A coletânea já citada Sanabria et alii (2020) traz essa preocupação do ponto de vista das reflexões e experiências de estudantes de pós-graduação.

⁶ Um dos primeiros vídeos que viralizou no meio antropológico no início da pandemia foi uma curta gravação do antropólogo inglês Daniel Miller sobre “Como conduzir uma etnografia durante o isolamento social” (2020), rapidamente traduzida e publicada em português (<https://blogdolabemus.com/2020/05/23/notas-sobre-a-pandemia-como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-por-daniel-miller/>). Posteriormente seguiram muitos artigos (Segata 2020; Deslandes e Coutinho 2020, entre outros) e webinários sobre o tema, entre eles destaco o evento “Fazer etnográfico, ambientes digitais e tecnologias” organizado pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA), em 27 de maio de 2021, com a participação de Jean Segata (UFRGS), Laura Graziela Gomes (UFF/INCT - INEAC), Letícia Cesarino (UFSC) e Eliane Tânia Freitas (UFRN), com a mediação de Ramon Reis e organização de Carolina Parreiras. Link do evento: <https://www.youtube.com/watch?v=Hyn4ojtZaPs>

da interlocução pessoal. Mas como insistir na observação participante mantendo os protocolos de proteção e segurança relativos à pandemia?

A proposta consistiu em tomar como base da observação o espaço de moradia, a partir de três possíveis pontos de vista:

1. De dentro: uma situação (rotina, hábito, ambiente) dentro de casa.
2. Para fora: uma situação observada da varanda, janela, porta, para a rua ou espaço comum do prédio ou casa.
3. Um objeto (descrito por dentro e por fora).

Em todos os casos era possível, mas não obrigatório, considerar como a pandemia influenciou as situações e/ou objetos observados. Sugerimos também algumas dimensões que poderiam ser atendidas durante a observação: tempo, espaço, audição, tato, olfato, características das pessoas, objetos, conversas, atitudes corporais, gestuais, entre outras. Por fim, orientamos a utilizar alguma forma de registro da observação para auxiliar no relatório escrito: anotações, gravador, fotografias ou vídeos.

Entre os 40 trabalhos desenvolvidos, selecionamos apenas quatro para compor e assinar esse artigo. Através deles buscamos representar questões metodológicas relativas ao fazer etnográfico em tempos de pandemia, bem como as possibilidades de construção de alteridade dentro da ordem doméstica e familiar. Adicionalmente, também nos interessou colocar em evidência os efeitos diversos da pandemia nessa ordem, bem como suas repercussões em contexto pedagógico. Trata-se, assim, em diversas direções de refletir sobre a construção etnográfica do familiar a partir da produção do treinamento de um olhar antropológico que buscou atizar sentidos, curiosidades e reflexões na busca da iniciação etnográfica.

Os relatos estão organizados entre aqueles que orientaram a observação para “dentro” de casa; aqueles que o fizeram para “fora”; e os que trataram com objetos “por dentro e por fora”. Essas categorias fazem referência ao já clássico artigo de José Magnani “De perto e de dentro: notas sobre uma etnografia urbana” (2002), buscando explicitar quão de *perto* pode ser construído um olhar *de dentro* dos limites de nossa casa em tempos de uma pandemia vivida em escala *global*. Entendemos assim que as dimensões temporais e espaciais da etnografia podem ser redefinidas em escalas diversas, desde que

mantenhamos a atenção sobre tudo aquilo que “passa despercebido” (2002:16).

De dentro

O quarto da irmã⁷

O ambiente que decidi estudar foi o quarto da minha irmã. Na verdade ele é apenas chamado assim pelo carinho e por ter sido o primeiro objetivo dele. Durante a obra do apartamento, antes de nos mudarmos, este quarto seria o dela, mas minha irmã acabou nunca dormindo aqui. Ela se mudou para fora do país um mês antes da obra terminar e isso já tem mais de 5 anos. Engraçado refletir que durante os primeiros anos aquele quarto ficou intocado, era dela mesmo. Algumas roupas ainda estavam no closet nunca usado, fotos dela nas estantes, bichos de pelúcia, um ar-condicionado novo (acho que ele deve ter sido ligado menos que 20 vezes nesses anos) e um frigobar que eu, durante a pré adolescência, achava super descolado. Ainda chamo ele de “quarto da Mari” porque é como ele sempre vai ser.

Durante os primeiros anos, minha mãe não me deixava pegar nada de lá, quase como se minha irmã fosse chegar em casa e brigar comigo porque eu peguei uma peça de roupa escondida. Acho que foi a saudade e tentar se habituar aos novos costumes de nunca mais ter que separar uma briga e essas coisas de família. Então o quarto ficou lá, sendo da minha irmã, visitado quando batia saudade.

O quarto fica de frente para o meu, do outro lado do corredor, vive com a porta fechada. (...) Porém, adentrando o quarto, ele me lembra infância. Tem sempre um cheiro bom, lençóis com cheiro de amaciante, sempre foi bem organizado, tem uma cama de casal, é um quarto um pouco mais barulhento porque fica mais perto da rua principal, é sempre mais fresco que o resto dos cômodos e o mais incrível é que ele nunca tem sujeira.

Os anos se passaram, algumas roupas da minha irmã foram doadas e com esse novo espaço livre, meu pai começou a ocupar alguns lugares do closet com as roupas dele. Logo depois, minha mãe começou a estender as roupas na cama para passar com ferro. Quando entrei pra faculdade, levei todos meus livros didáticos e apostilas do colégio pra lá. A cadeira do meu quarto deu cupim, então trocamos pela cadeira do quarto da minha irmã. Quando a luz do meu quarto queimou,

⁷ Relato em versão resumida de autoria de Maria Vitória Chiconelli Nobre.

trocamos pela do quarto dela. Um tempo depois, peguei o frigobar para colocar no meu quarto.

Passei meia hora nos últimos 4 dias sentada na cama dela pensando na quantidade de sentimentos e histórias que esses objetos representam para mim e para a minha família. O quarto realmente não era muito usado, mas ele foi ao longo dos anos um facilitador nas nossas vidas. Ele virou um lugar para deixar roupas, para organizar melhor o apartamento, quase como depósito, cheio de utilidades. O quarto servia para o que a gente pedisse, quisesse e precisasse.

Na pandemia, se transformou mais ainda. Nossas máscaras e face shields ficam em cima da cama e em cima da mesa. Também ficam luvas, álcool em gel e roupas que precisam ser lavadas depois de chegarmos da rua. Além disso, durante a pandemia, sem poder sair para a academia, meu pai comprou pesos e elásticos de ginástica, um colchonete, caneleiras e coisas para fazer exercícios em casa. Todos esses objetos ficam no closet. Hoje, o quarto antes organizado, virou uma bagunça. Lá tem de tudo, se tornou multifunções e utilidades. (...) Bastante interessante como um simples espaço muda tanto seu significado com o passar do tempo e novas formas de observação.

Inicialmente não iria falar sobre ambientes ou objetos da minha casa, não pensei que pudesse encontrar tantas coisas interessantes para relatar. Me surpreendi. Esse quarto é memória de muitos momentos (...). As coisas, os objetos, os espaços carregam e contam histórias.

Um jantar, três momentos⁸

Janeiro a março de 2020

Eu moro em um apartamento na cidade de Niterói, junto com meus pais, meu irmão e minha cachorrinha, Luna, que é a verdadeira dona da casa. (...)

Nunca tivemos o costume de comer na mesa, ela sempre esteve com papéis, exames e livros dos meus pais, então, sempre comemos no sofá. Minha mãe sempre faz o jantar com as melhores saladas do mundo! Sem lugares definidos, só pegamos a comida e nos sentamos no sofá ou na poltrona. Nossos assuntos sempre começam com o “como foi seu dia?” e eu contava das coisas que tinha feito, meus pais falavam de algum paciente, contavam as fofocas da família e nossos assuntos iam desde alguma nova regra do prédio até a

⁸ Relato em versão resumida de autoria de Bruna Daflon Goulart Costa.

possibilidade de tentarmos ver alguma constelação específica da varanda da nossa casa. Falávamos sobre nossa fé (...), sobre nossas perspectivas e planos de viagens. Nossos jantares eram os momentos em que parávamos e ficávamos nos escutando e compartilhando nossas histórias.

Março a Julho de 2020

A pandemia chegou e, conseqüentemente, a forma de nos relacionarmos também mudou. Meus pais são da área da saúde e, assim que a pandemia começou, foram trabalhar na chamada “linha de frente”. Meu irmão é do grupo de risco, então meus pais decidiram que não teriam contato conosco. (...) Era como se eles não estivessem ali. Eles pegavam plantão direto e, quando chegavam, entravam direto no quarto deles para não “infectar o resto da casa”. No início foi meio tranquilo, sendo sincera. Eu achava que aquilo ia acabar rápido. Até que chegou a Páscoa e eu e meu irmão almoçamos sozinhos. No dia do trabalhador não fizemos nenhuma viagem e no dia das mães demos parabéns para ela por meio de uma ligação no pouco tempo de descanso que ela tinha no hospital. O tempo foi passando e percebemos aos poucos que aquilo não ia acabar tão cedo.

A mesa continuava cheia de coisas, acho que com a pandemia e a falta de visitas fez com que ficássemos mais relaxados em alguns sentidos. Compramos mais plantas também, comecei a acender incensos e velas todos os dias.

Meu irmão ficou mais retraído e começou a jantar no quarto dele, então eu comecei a comer, definitivamente, sozinha. Nossas refeições se alternavam em comida congelada, fast food e stroganoff (a única coisa que sei fazer), mas com o tempo, tivemos que aprender a, pelo menos, fazer um macarrão. Eu pegava a minha comida, sentava no sofá e via televisão. Só isso. (...) Foi a época mais difícil de lidar na pandemia, porque a nossa relação mudou drasticamente. Eu definitivamente não via mais meus pais e meu irmão foi se fechando cada vez mais.

(...) No meio de maio, as coisas mudaram. Meus pais não aguentavam mais a rotina e, um dia, o meu pai começou a ter os sintomas, minha mãe logo depois. Eles ficaram bem doentes - mais de três semanas de cama. Nesse tempo, meus pais perderam mais de um amigo de trabalho, meu pai perdeu um de seus orientandos e minha mãe perdeu um sobrinho. Todos novos (...) Foi um baque muito grande para todos nós. Meu pai teve licença de trabalho por depressão e crises de pânico e minha mãe resolveu sair da linha de frente e começar a tratar os pacientes pós-covid.

Final de abril e início de maio de 2021

Mudamos o sofá aqui de casa por um maior e bem mais confortável, dá até para dormir nele de tão grande que é. (...) A mesa continua cheia de coisas, papéis, exames e livros de anatomia. A disposição dos móveis ficou a mesma, mas agora temos mais plantas. Um lírio da paz na mesa de canto, alecrim pela casa inteira, Espada de São Jorge próximo à porta e rosas do deserto em todos os cantos. A nossa jiboia também está enorme, as folhas já batem no chão. Os brinquedos de Luna continuam espalhados por todos os cantos (...). Nossos jantares continuam parecidos ao que era antes, mas com algumas mudanças: agora meu pai só se senta no lado esquerdo do sofá e minha mãe sempre fica na poltrona. Meu irmão não come mais com a gente, ele se acostumou a comer no quarto. Meus pais não falam mais de trabalho e nem contam como o dia foi, na maioria das vezes a gente só come em silêncio ou vendo vídeos engraçados no Youtube. Mas, às vezes, eles decidem conversar, falamos sobre histórias de visagens, sobre as constelações, (...) nossos assuntos continuam variando entre budismo tibetano e novela das nove. Mas, agora, a perspectiva deles mudou de muitas formas, principalmente o modo como enxergam a morte. Nossas conversas continuam enriquecedoras e calorosas, mas eu os sinto mais distantes. Só eles sabem o que viram enquanto trabalhavam na linha de frente e só eles sabem o que foi ter que rebater profissionais antiéticos que influenciam a população a usar medicamentos sem comprovação científica enquanto avisavam a um filho que o pai iria ser entubado.

Depois de julho, quando os dois pararam de trabalhar na linha de frente, voltaram a estar em casa na hora do jantar. Minha mãe não faz mais comida todos os dias, mas quando ela faz as saladas deliciosas dela, eu como com os olhos brilhando.

Acho que é difícil as coisas voltarem a ser como antes (...) Mas, pelo menos, eu tenho meus pais de volta na hora do jantar e nossas conversas continuam “deixando meu coração quentinho”.

* * *

Esses relatos e outros não citados aqui optaram por um olhar orientado para *dentro* de casa. Estão baseados, assim, no exercício de uma observação intrinsecamente participante, no sentido de se tratar de situações nas quais os/as observadores/as estão imbrincados/as como parte das engrenagens de suas

famílias, ou dos lugares que habitam cotidianamente. As situações descritas os incluem tomando o café da manhã, jantando, almoçando, assistindo televisão, conversando, tomando decisões, acordando; incluem suas emoções e reações de medo, afeto, tédio, privacidade, conflitos, angústias e alegrias.

O cotidiano, ou como um dos trabalhos colocou, “as rotinas dentro das rotinas”, são descritas aqui também na sua dimensão afetada pela pandemia, as mudanças e adaptações e, como mencionado, os efeitos emotivos desses impactos. Readaptar o espaço da casa, reorganizar o tempo diário, retornar à casa dos pais, recompor (ou não) laços familiares, adquirir mascotes, um novo sofá, uma mesa maior para comer “todos juntos”, passar a comer com a companhia do celular ou de amigos nas redes, se alimentar mais, ou menos, que antes, começar a tomar medicamentos, foram situações descritas em outros trabalhos.

O trabalho de ressignificação do familiar, inclusive no seu sentido literal vinculado à família nuclear e às relações de parentesco próximas, foi explicitado a partir de um relevante esforço de autoreflexão e de reflexão com o “outro-próximo”, mostrando a potencialidade da antropologia no exercício de estranhamento. Ainda mais, demonstra mais uma vez que o “outro” não precisa estar longe, falar uma outra língua e ter costumes exóticos, mas pode fazer parte do nosso mundo mais íntimo. Sua alteridade dependerá do nosso olhar reflexivo, da imaginação sociológica e da curiosidade por compreender o mais banal das relações humanas a partir “de um monte de formigas” (Geertz 2002:249).

Para fora

“Falta dessas pessoas que nem conheço”⁹

Eu moro em uma rua bem pequena, ou melhor, uma travessa, que possui duas ruas transversais a ela. Especificamente na minha rua, nada mudou com a pandemia. Apesar da vizinhança ter poucas pessoas, os vizinhos barulhentos continuam barulhentos e os que nunca aparecem, continuam sem aparecer. Moro com a minha mãe no segundo andar de uma casa, onde no primeiro andar quem mora é a minha avó.

⁹ Relato em versão resumida de autoria de Anabelly Ribeiro Carneiro.

Daqui de cima a única maneira de ver a rua é através das janelas. (...)

Minha casa se situa próxima à esquina com uma dessas ruas transversais, e essa rua longa, tem três escolas com um número grande de alunos. O ponto que eu quero chegar é que as pessoas que nessas escolas estudavam, sempre passavam pela minha rua para ir à aula, desde às 7h00 quando o turno da manhã chegava até às 22h, onde o turno da noite voltava para casa. Eram alunos do ensino fundamental I e II até o ensino médio. Ou seja, crianças, adolescentes, e adultos também, já que uma dessas instituições oferecia a opção de fazer supletivo. Eles cortavam caminho por aqui durante todo o dia.

Até o ano de 2019 eu estudei presencialmente em outro bairro, por anos eu me deslocava sozinha de ônibus e durante o caminho de ida e de volta eu observava aqueles estudantes. Quando eu saía de casa, durante a manhã, alguns estavam chegando ao colégio, e quando eu voltava para casa, no início da tarde, outros estavam saindo de suas respectivas aulas, às vezes os mesmos que eu tinha visto mais cedo. Foi assim durante cinco dias da semana, da manhã até a noite, por anos.

Lembro que quando eu estava em casa, de tarde, escutava as crianças gritando durante o intervalo, em suas brincadeiras. Quando alguém fazia aniversário, eles corriam jogando ovos no aniversariante. Já vi alunos matando aula e outros que gostavam de namorar após a aula. Essas e outras coisas aconteciam na minha rua, que quase não tem movimento e eles se sentiam mais à vontade. As crianças mais novas, em sua maioria, os pais iam buscar. Me recordo perfeitamente dos dias que eles cantavam o hino nacional, (...).

A pandemia mudou tudo. De março de 2020 até o momento que eu escrevo isso, eu nunca mais vi aquela movimentação toda que os estudantes proporcionavam à vizinhança. Esses dias, caminhando com minha mãe, passamos na frente de um dos colégios e comentamos sobre a falta que aquelas pessoas fazem ao lugar. Falamos sobre como era passar naquela calçada que antes, lotada de gente, dificultava a passagem e que agora constantemente fica vazia. Certo dia vi da minha janela alguns alunos indo até a portaria, imagino que para pegar o resultado de alguma prova, foi estranho ver eles sem uniforme. Penso como deve estar sendo a experiência da aula online para todos.

É engraçado pensar que eu sinto falta dessas pessoas que nem conheço. Quando eu saía de casa e voltava tarde da noite caminhando, por volta das 22h, me sentia mais segura por ter gente ao redor, já que a turma do turno noturno estava indo embora simultaneamente. Vejo a rua vazia e quieta durante quase todo o dia, se não fossem os carros e quem caminha pra

lá e pra cá, esse lugar seria um breu 24 horas por dia. Espero que tudo melhore em breve e os portões daqueles colégios, que vivem trancados, voltem a abrir.

* * *

Na turma, houve menos relatos construídos a partir de um olhar *para fora* da casa, mas é interessante mencionar as diferentes estratégias adotadas para fazê-lo. Da janela ou da varanda, sentados na parte externa de um condomínio, nas idas ou voltas ao trabalho, ou a partir dos comentários dos moradores da casa sobre as saídas realizadas¹⁰. Nesse sentido, merece destaque a intensificação de conversas e comentários sobre a pandemia de quem “sai para a rua”, mas também, como um dos relatos chamou a atenção, sobre como a morte passou a integrar os temas de conversa e nos circundar cotidianamente.

Por sua vez, o relato aqui apresentado evidencia como os supostos “anônimos” da cidade produzem relações e emoções em função da força do cotidiano, dos hábitos e das rotinas. Os barulhos, murmurinhos, risadas, idas e vindas, uniformes, horários e costumes de (des)conhecidos tornam-se também parte da rotina ao ponto de passar a sentir falta “dessas pessoas que nem conheço”. É uma reflexão que permite pensar sobre a familiarização do estranho não apenas no sentido antropológico (Velho 1978), mas também emotivo. O que sentimos daquelas pessoas, objetos, situações que não conhecemos, mas são familiares para nossa rotina? Qual o papel do estranho, mas familiar? Quais os sentidos do anonimato em uma cidade, um bairro, uma rua?

Por dentro e por fora: as coisas

Protegidos pelo álcool gel¹¹

Para o trabalho em questão eu escolhi os recipientes de álcool em gel/líquido (álcool etílico hidratado 70º INPM) utilizados pela minha família. Ao total, foram contabilizados 9 objetos diferentes com a mesma finalidade: desinfecção/limpeza.

¹⁰ O texto de suporte específico para essa opção foi Bottino, Scheliga e Menezes (2020), e o podcast gravado por Eva Scheliga no Episódio 8 em *Fazeres Etnográficos em tempos de pandemia* (Bazzo 2020).

¹¹ Relato em versão resumida de autoria de Bruna da Silva Bernardo.

A invenção do álcool gel foi idealizada por uma mulher de origem latina: a enfermeira Lupe Hernandez, então estudante de enfermagem em Bakersfield, nos EUA, em 1966. A preocupação de Hernandez era sobre a disponibilidade de água e sabão para os profissionais de saúde em seus contatos com pacientes. Foi diante desse quadro que ela concluiu que uma versão em gel do álcool, que fosse portátil e eficaz, poderia ser uma solução para tal dilema – e que ainda poderia se tornar um sucesso comercial. (Fonte: site Hypheness).

Quantidade total de objetos observados: 9 itens de tamanhos e cores variadas (transparentes e vermelho). Alguns possuem válvulas de spray e outros não. Todos de plástico.

4 maiores (cerca de 500ml) que ficam em diferentes lugares: 1 na sala de estar, 1 na cozinha, 1 no carro da família e 1 no meu quarto.

5 menores (entre 60ml e 100ml) que são utilizados durante a saída de casa (geralmente levados na bolsa): 1 comigo, 1 com meu pai, 1 com minha mãe, 1 com minha irmã mais nova e 1 com minha avó.

O álcool líquido é utilizado para limpeza dos itens de supermercado e outros objetos como bolsas, celulares, cartões de banco, óculos, etc. Fica localizado na cozinha. O álcool em gel é utilizado para as mãos e pulsos, principalmente, dos que estão trabalhando (primeira ação na chegada em casa). Está localizado na sala, logo após a porta. Ambos possuem o cheiro característico da substância e textura leve, não pegajosa.

Antes da pandemia ser oficialmente estabelecida em março de 2020, não tínhamos nenhum desses objetos em casa ou sequer levávamos para algum lugar uma substância de limpeza para as mãos. Foi um dos itens mais procurados no ano passado, tanto que os preços aumentaram absurdamente e um componente responsável pela textura não pegajosa do álcool em gel chegou a ficar em falta.

Eu sou a pessoa encarregada da limpeza e organização das compras de supermercado, então estou sempre atenta a esses objetos. Verifico quando está acabando, quando há promoções na internet e também faço a compra do mesmo por conta própria quando necessário. Dentro das poucas possibilidades de proteção e contribuição, acredito ser o mínimo que podemos fazer.

É um objeto que passa uma sensação de segurança na situação atual, tanto coletiva quanto individual. Eu, particularmente, limpo tudo que posso com o álcool líquido. Em contrapartida, é uma lembrança de que a pandemia não está controlada.

* * *

A observação com objetos foi uma proposta trabalhada a partir de um texto de Aline Rochedo (2020) e um podcast com ela produzido no programa *Fazeres Etnográficos em Tempos de Pandemia* (2020). A opção pela descrição do álcool gel, bem como em outros trabalhos sobre máscaras faciais e o chamado “kit covid” de medicamentos, é evidência de uma marca de época e de como certos objetos antes despercebidos passaram a ganhar protagonismo nas rotinas diárias de grande parte da população. Ressaltamos, a partir dos trabalhos, como seu uso reflete não apenas a expansão do vírus, mas valores sociais e políticos, bem como juízos morais sobre quem, como e quando utiliza, ou não, esses objetos. Carregados de (novos) sentidos passaram a integrar rotinas, formas de autogestão da pandemia e de se posicionar social e politicamente diante dela.

Outros trabalhos nessa opção metodológica se debruçaram sobre a observação com objetos que, de formas distintas, envolvem laços de afeto com os próprios observadores, ou com familiares. A coleção de moedas olímpicas da irmã, o cobertor tecido a mão pela avó, as fotografias da avó, o amuleto que auxilia nos estudos, foram descritos nos seus aspectos físicos, mas também nas suas relações, trajetórias e histórias como evidências de memórias familiares, formas de preservação, usos e cuidados. Outras descrições trouxeram objetos aparentemente inertes da casa, despercebidos para o olhar cotidiano, como o crucifixo do vão da escada por anos aí fixado e herança de moradores anteriores. Também sobre as cortinas da casa que “nos olham como querendo nos engolir e ao mesmo tempo proteger”, ou sobre a mesa de comer sobre a qual ninguém come.

Não se trata aqui de nos deter na literatura sobre etnografia com/de objetos (Douglas 2009; Appadurai 2008; Miller 2013; Rochedo 2020), mas queremos destacar a potencialidade dessa linha de análise não só nos tempos de isolamento físico, mas também de contágio em que “tudo” devia ser lavado, desinfetado, purificado¹². Nesse contexto em que

¹² No Brasil, e em outros países, no início da pandemia houve a orientação sanitária da permanente higienização das mãos e também da limpeza das compras, objetos e roupas, com água e sabão ou com algum tipo de desinfetante. Também foi indicado manter o uso individual e identificado de utensílios de cozinha, canetas ou outro tipo. (<https://portal.fiocruz.br/noticia/covid-19-informacoes-sobre->

muitos objetos passaram a ser de uso individual e pessoal, foi possível, através da observação etnográfica, trazer para a discussão os afetos, a dimensão coletiva, familiar, os sentidos e ressignificações, os conflitos, as tensões, enfim, a relevância da vida social, moral e afetiva das coisas. Dialogar com elas foi um exercício não só extremamente produtivo, mas que também colocou em interação diversas pessoas e suas histórias.

Considerações finais

Quando escrevemos esse artigo estávamos nos preparando para a retomada presencial e gradual das aulas¹³. A quantidade e acúmulo de trabalho não permitiu escrevê-lo antes. Contudo, não desistimos da proposta porque acreditamos que ela traz uma memória e reflexão sobre a produção de conhecimento no momento em que a pandemia exigiu o ensino remoto.

O exercício teve diferentes estímulos e incentivos. Em primeiro lugar, a coautoria entre a docente da disciplina e algumas discentes inscritas, baseada fundamentalmente no reconhecimento da qualidade, originalidade e relevância dos trabalhos apresentados como avaliação do curso. Foi necessário selecionar, mas temos certeza que muitos outros poderiam ter integrado também esse texto. Essa certeza se sustenta não só na leitura dos trabalhos e sua discussão em sala de aula e do excelente retorno que a atividade teve na turma e no ambiente coletivo construído durante os encontros síncronos. Durante eles, foram criadas relações que, para além dos limites dos quadrados da tela, nos permitiram trocar reflexões, risos, choros, angústias e intimidades. Nesse sentido, a coautoria também se apoia no entendimento de que os/as autores/as dos relatos etnográficos não são só interlocutores/as de uma pesquisa. Eles/as fizeram mais do que abrir suas casas e conversas familiares diante de um(a) observador(a). Eles/as produziram conhecimento etnográfico como estudantes e aprendizes que elaboraram essas descrições a

[desinfeccao-e-limpeza-de-superficies-e-objetos](#)). Utilizamos o termo “purificar” em referência ao trabalho de Mary Douglas “Pureza e Perigo” (1966), que traça as distinções entre o puro e o perigoso e regras para evitar o contágio e a impureza em diversas sociedades.

¹³ Na revisão para sua publicação já acontecerem dois semestres de ensino presencial, porém registra-se um aumento de casos de contágio de uma nova variante do vírus.

partir da reflexão antropológica e não (apenas) do lugar como nativos/as.

Em segundo lugar, também nos sentimos incentivadas pelos desafios identificados no exercício de estranhamento do familiar em seus níveis mais próximos. Quando a “casa” (DaMatta 1997) é a *nossa* casa; quando a “rua” (DaMatta 1997) é a *nossa* rua; quando o “pedaço” (Magnani 2002) é o *nosso* pedaço, quando as “coisas” (Appadurai 2008) são *nossas* coisas. O lar, a família nuclear, o quarto, a sala, a mesa, as fotografias, a esquina, se tornaram *loci* de experimentação etnográfica que demonstraram o quanto é possível descobrir rotinas, hábitos, relações, afetos e desafetos, regularidades e mudanças, na ordem doméstica que construímos e vivenciamos. Foi preciso deter o olhar, aguçar os ouvidos, o olfato e o tato. Esboçar uma ou outra pergunta e parar para ouvir o que as pessoas ao nosso redor pensam, sentem e acreditam sobre nosso próprio lugar no mundo. Por fim, escrever sobre isso nos proporcionou a descrição que coloca sob perspectiva aquilo que restava despercebido (Oliveira 1996).

Em terceiro lugar, um estímulo adicional à escrita do trabalho, intimamente vinculado com o ponto anterior, foi trazer à público relatos do dia a dia da pandemia na ordem doméstica. Não com o objetivo de culpabilizar a pandemia pelos conflitos, discriminações ou violências, pois, como já foi dito, a pandemia tem explicitado e em tal caso intensificado desigualdades existentes. Mas também não se trata de exaltar a pandemia e o confinamento como produtoras de fortalecimento dos laços familiares, como prontificado por algumas agências do governo. Também não se trata de entendê-la como uma catástrofe meramente natural (ou sobrenatural!) implodida na humanidade. Trata-se, pelo contrário, de assumir a pandemia e sobretudo suas formas de gestão no Brasil como parte das condições de produção das reflexões elaboradas. É por causa delas que o ensino se estabeleceu de forma remota, que nos confinamos em casa, que álcool gel, “kit covid” e outros objetos se tornaram protagonistas de relatos, que famílias discordam sobre as formas de tratamento sanitário, que nossos hábitos mudaram, que foi preciso nos organizar, erguer e superar dia a dia. É essa plataforma que foi propícia para a iniciação etnográfica daqueles que inauguraram seus estudos antropológicos em plena pandemia.

Nesse sentido, a experiência de trabalho rendeu frutos significativos em termos da produção etnográfica, mas também do

engajamento dos/as estudantes nas discussões e trabalhos. Na última aula, ao som de *Principia*, do músico Enicida, trocamos impressões sobre a disciplina, mas também choramos, nos emocionamos e prometemos que nos encontraríamos nos corredores da Universidade “em breve”. Porque, como diz Enicida, “tudo que nós tem é nós”.

Referências Bibliográficas

- ABU-LUGHOD, Lila. 2012. “As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação?: reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus outros”. In *Rev. Estud. Fem.* [online], vol.20, n.2, pp.451-470 <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200006>
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. 2009. “O perigo da história única” (vídeo) https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt#t-434400
- APPADURAI, Arjun. [1988] 2008. *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: EDUFF, 1ªed.
- BAZZO, Juliane. 2020. “Etnografia de objetos, com Aline Lopes Rochedo”. IN: *Fazeres etnográficos em tempos de pandemia*. Episódio 5 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ko_b70uDcrE
- BAZZO, Juliane. 2020. “Etnografia entre a casa e a rua, com Eva Scheliga” IN: *Fazeres etnográficos em tempos de pandemia*. Episódio 8 Disponível <https://www.youtube.com/watch?v=TkoROJN2Rak>
- BOTTINO, Caroline M. de M.; SCHELIGA, Eva; MENEZES, Renata de C. 2020. “Experimentos etnográficos em redes e varandas: a religião em tempos de pandemia”. In *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 29 p. 289-301. <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/170445/163441>
- BOLLETTIN, Paride; VEGA, Guillermo Sanabria; TAVARES, Fátima (orgs.). 2020. *Etnografando na pandemia*. Paduva: C.L.E.U.P.

- COLLINS, Patrícia Hill. 2016. “Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro”. In *Sociedade e Estado*. [online], vol.31, n.1, pp.99-127. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922016000100006>
- COUCEIRO, Luiz Alberto; ROSISTOLATO, Rodrigo. 2022. Estratégias didático-pedagógicas no ensino on-line de antropologia em contexto pandêmico. *Antropolítica - Revista Contemporânea De Antropologia*, 54 (3).
<https://doi.org/10.22409/antropolitica2022.i3.a54262>
- DA MATTA, Roberto. 1978. "Ofício do etnólogo ou como ter *anthropological blues*". In: NUNES, E. (org). *A aventura sociológica*. RJ: Zahar.
- DAMATTA, Roberto. 1997. *A casa e a rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco Digital.
- DESLANDES, Sueli; COUTINHO, Thiago. 2020. “Pesquisa social em ambientes digitais em tempos de COVID-19: notas teórico-metodológicas”. In *Cadernos Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 11, e00223120, Jul. Doi: 10.1590/0102-311X00223120
- DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. 2009 [1979] *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- DOUGLAS, Mary. 1966. *Pureza e perigo*. Lisboa: Ed. 70.
- FERREIRA, Letícia; LOWENKRON, Laura (Orgs). 2020. *Etnografia dos Documentos: Pesquisas etnográficas entre papéis, carimbos e burocracias*. 1. Ed. Rio de Janeiro: E-papers.
- GEERTZ, Clifford. 2002. “O Saber local: fatos e leis em uma perspectiva comparada”. In: *O Saber Local*. 5 ed. Petrópolis: Vozes.
- KOPENAWA YANOMAMI, Davi. 1999. “Descobrimo os brancos”. In: NOVAES, Adauto (org.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Minc-Funarte/Companhia das Letras, pp 15- 21.
- LEITÃO, Debora K.; GOMES, Laura G. 2017. “Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões”. In *Antropolítica*, Niterói, n. 42, p. 41-65, 1. sem.: <https://doi.org/10.22409/antropolitica2017.1i42.a418>

- MAGNANI, José Guilherme. 2002. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, n° 49 junho, pp. 11-29. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>
- MILLER, Daniel. 2020. “Notas sobre a pandemia: Como conduzir uma etnografia durante o isolamento social”. Tradução: Camila Balsa e Juliane Bazzo. *Blog do Sociófilo* <https://blogdolabemus.com/2020/05/23/notas-sobre-a-pandemia-como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-por-daniel-miller/>
- MILLER, Daniel; SLATER, Don. 2004. “Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad”. IN *Horizontes Antropológicos*, vol. 10, n. 21. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832004000100003>
- MILLER, Daniel. 2013. *Trecos, Troços e coisas: Estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro: Zahar.
- MINER, Horace. 1956. *O Ritual do Corpo entre os Nacirema*. Tradução de Eduardo Viveiros de Castro (mimeo).
- MUNZANZU, Carla Ramos; BARBOZA, Myrian Sá Leitão. 2022. “O Polè pedagógico: feitiço e espistemologias do transe em sala de aula como enfrentamento político, afetivo e espiritual na pandemia de Covid-19”. *Antropolítica - Revista Contemporânea De Antropologia*, 54(3). <https://doi.org/10.22409/antropolitica2022.i3.a54960>
- OLIVEIRA, Amurabi. 2020. “As desigualdades educacionais no contexto da pandemia da Covid 19”. In: GROSSI, Miriam Pillar; TONIOL, Rodrigo (orgs.). *Cientistas Sociais e o Coronavírus*. São Paulo: Anpocs; Florianópolis: Tribo da Ilha, pp. 696-699.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. 1996. “O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever”. *Revista de Antropologia*, 39 (1), 13-37. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1996.111579>
- PARREIRAS, Carolina. 2011. “‘Não leve o virtual tão a sério?’ - uma breve reflexão sobre métodos e convenções na realização de uma etnografia do e no online”. In: FERIANI, Daniela Moreno; CUNHA, Flávia Melo da; DULLEY, Iracema. (orgs). *Etnografia, Etnografias. Ensaios sobre a diversidade do fazer antropológico*. São Paulo: Annablume.

- PEIRANO, Mariza. 1995. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- ROCHA, Everardo G. 1988. *O que é etnocentrismo*. SP: Ed. Brasiliense (5edição).
- ROCHEDO, Aline Lopes. 2020. “Experiências de escrita etnográfica a partir de porta-joias”. Paper apresentado a *32 RBA*.
- SCHRITZMEYER, Ana Lúcia Pastore. 2020. “Não soltei (virtualmente) muitas mãos, mas várias outras me escaparam”. In: GROSSI, Miriam Pillar; TONIOL, Rodrigo (orgs.). *Cientistas Sociais e o Coronavírus*. São Paulo: Anpocs; Florianópolis: Tribo da Ilha, pp. 692-695.
- SCHRITZMEYER, Ana Lúcia Pastore. 2022. “Autoetnografias e análises da pandemia por neófitas(os) em antropologia: Descobertas, reinvenções e sensibilidades”. In: *Dilemas, Revista Estudos Conflitos Controle Social*. Rio de Janeiro, Vol. 15, no 1, Jan-Abr., pp. 27-53.
- SEGATA, Jean. 2008. *Lontras e a construção de laços no Orkut: uma antropologia no ciberespaço*. Rio do Sul, Nova Era.
- SEGATA, Jean. 2020. “A colonização digital do isolamento”. *Cadernos de Campo*. São Paulo, 29 (1), pp. 163-171. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i1p163-171>
- VEGA Sanabria, Guillermo; OLIVEIRA, Amurabi. 2022. “Apresentação: Teoria, história e ensino da antropologia”. *Antropolítica - Revista Contemporânea De Antropologia*, 54(3). <https://doi.org/10.22409/antropolitica2022.i3.a56385>
- VELHO, Gilberto. 1978. “Observando o familiar”. In: Edson Nunes (org). *A Aventura sociológica: Objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar.
- WHYTE, William Foote. 1990. “Treinando a observação participante”. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.). *Desvendando mascaras sociais*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves. cap. 3, p 77-86.

Enviado: 09/09/2022

Aceito: 06/12/2022